

**POVOS INDÍGENAS NO BRASIL**

FONTE : JT

CLASS. : 41

DATA : 13 01 90

PG. : 11

## Cientistas debatem a Amazônia. Em Manaus.

A Amazônia é uma vasta colcha de retalhos de diferentes tipos de vegetação. Cada arranjo de espécie vegetal, cada combinação de vegetação com rios, com lagoas, com morros, barrancos, ilhas, terras firmes ou campinas de areia branca é habitado por um conjunto de animais acostumados àquele habitat. Se o habitat desaparece ou se modifica — por menores que sejam as mudanças — também muda a combinação de animais que nele vivem. Por isso, quando se pensa em conservação de flora e fauna amazônicas, é preciso pensar na colcha de retalhos e tentar manter intacto pelo menos um retalho de cada tipo. É o que tentarão fazer os 95 cientistas reunidos em Manaus no workshop 90, no Hotel Tropical, durante os próximos dias.

Cada um deles trouxe na bagagem o conhecimento acumulado em anos de estudo dentro da floresta, resumido em listas de áreas importantes para conservar plantas e animais estudados. Juntos, eles pretendem pôr num só mapa propostas de parques ou reservas que garantam a sobrevivência do maior número de espécies possível. Não só por alguns anos, mas pelo menos por mais alguns séculos. É a primeira vez,

na história da Amazônia, que áreas de preservação são propostas com tal embasamento científico. Até hoje, os parques dos nove países amazônicos foram criados para proteger fronteiras, porque eram áreas imprestáveis para atividades humanas, ou para abrigar espécies isoladas, mais conhecidas da ciência.

Nunca se pensou no conjunto, na colcha de retalhos. Nunca se pensou na Amazônia toda, como se os animais ou plantas subsistissem das fronteiras que separam Bolívia, Brasil, Colômbia, Venezuela, Equador, Peru, Guiana, Guiana Francesa e Suriname. Mas agora, os problemas da Amazônia, serão tratados de modo global, na esperança de que os governos desses países adotem as sugestões que os especialistas vão pôr no mapa.

Os cientistas já discutem pontos de referências para os tamanhos dos parques e reservas que vão propor. O inglês Russel Mittermeir, presidente da Conservation International, pondera: "Espero que ninguém pense em transformar 80% da Amazônia em parques. Isto é inviável. O ideal seria uns 20%, contra os 2% legalmente protegidos hoje".

**Liana John, de Manaus**